

Moção 52

Acautelar o Futuro

ACAUTELAR O FUTURO

Moção ao XVII Congresso do Partido Livre

Necessitamos reunir antecipadamente informação para que, com o devido tempo, pensemos as saídas necessárias para uma série de problemas. É importante fazê-lo. Só assim conseguiremos lidar com eles.

Considerando

(a). Vivemos hoje uma época que coloca a Humanidade perante desafios muito fortes, trazendo novas roupagens à imensa complexidade comportamental dos humanos e colocando questões existenciais, humanas e sociais verdadeiramente novas, sobre as quais precisamos meditar.

Designadamente,

(b). Que esse contexto social (global) é fortemente condicionado por realidades complementares, com ampla aceitação, que de forma simples podemos designar como o sistema económico capitalista, alicerçado no sistema da propriedade privada e exponenciado pelo desenvolvimento tecnológico.

(c). Que essas realidades complementares se expandem espacialmente em toda a superfície do planeta, impulsionando a exploração ilimitada de recursos e introduzindo desequilíbrios e descontinuidades territoriais, de que resulta a criação de grandes e complexas metrópoles.

(d). Que a realidade económica capitalista, sendo unicamente uma dimensão da realidade foi de uma forma generalizada sendo considerada como dominante e definidora de um dado sistema de organização social. O que importa contestar.

(e). E, finalmente, sobre o desafio avassalador que resulta do avanço tecnológico, nomeadamente da Inteligência Artificial.

E, sobre este fator, importa perceber a sua evolução ao longo dos anos e sobretudo, nos anos mais recentes, a tremenda aceleração que tem evidenciado e sobre o seu impacto no nosso quotidiano.

Problemáticas

A natureza e o ecossistema

As particulares capacidades cognitivas dos seres humanos foram historicamente utilizadas para garantir a sobrevivência da espécie e afastar as condições adversas do meio natural onde nos inserimos.

O histórico desse relacionamento confunde-se com a história da própria espécie e balança entre duas atitudes contraditórias, ainda que complementares:

- Procurar dominar a natureza condicionando, a nosso favor, a ocupação dos territórios ou
- Procurar compreender a natureza, entendendo-a como habitat no qual devemos projetar os nossos anseios e desígnios.

A problemática da forma como lidamos com a natureza continua a ser assim, ainda hoje, uma problemática importante. Como fazer, então?

O trabalho

O trabalho faz parte das vivências humanas elementares para a sobrevivência, mas também para a construção comunitária, tendo assumido a partir da primeira revolução industrial um estatuto de mediador do acesso à cidadania plena e ao rendimento.

Coloca-se, no entanto, cada vez mais nos nossos dias, a possibilidade de uma alteração profunda do mundo do trabalho, por via do papel que as máquinas e a tecnologia podem ter neste domínio.

Sabendo que o trabalho é um dos elementos integrantes do sistema económico e a base da entrada de cada humano nesse sistema, para obter as contrapartidas financeiras que permitem o acesso, em mercado, aos bens de sobrevivência.

Como vai ser no futuro?

Como vamos lidar com esta nova realidade? O que fazer com os que não terão ocupação? Como se lhes garante rendimentos financeiros para viverem? Que sentido de vida poderão ter?

A seguir ao relacionamento com a natureza, esta realidade futura do trabalho, coloca questões bem mais complexas.

A Tecnologia

A tecnologia, coloca também problemáticas complexas, advindas da sua evolução para o domínio das funções cerebrais.

Como lidar com esta nova realidade?

É interessante, olhando para o lado, constatar que a Igreja Católica com o estabelecimento da nova encíclica “Magnífica Humanitas” se apressou a ir junto dos seus fiéis justamente “Sobre a salvaguarda da pessoa humana na Era da Inteligência Artificial”.

Cabe então perguntar. A igreja como mediadora dos seus fiéis já está no terreno. E então a mediação política, que também tem o seu espaço. Está à espera de quê?

É aqui que nós, partidos políticos, que também temos o nosso próprio espaço, podemos também entrar como mediadores dos cidadãos e da cidadania.

As guerras

As guerras sempre existiram na história dos humanos. Deixando de lado as motivações, importa colocar as questões sociais que arrastam designadamente quanto às legítimas expectativas dos mais novos a poderem, naturalmente, viver até “serem velhos”.

Embora seja um contexto que se afasta dos propósitos mais limitados desta proposta, mais confinada a outras matérias, é uma questão que tem a ver com a reconfiguração que atualmente está em curso no plano internacional. Traz, também, à colação a reflexão sobre o tipo de valores, ou de lógicas, que queremos que presidam à nossa vida coletiva: cooperação ou competição?

Vive-se um clima generalizado de guerra que se prende com o final de um ciclo histórico que se convencionou designar como o “pós 2ª Guerra Mundial”. Esta temática poderia dar origem a um outro ciclo, semelhante àquele que vamos aqui propor.

As vivências

A diversidade de contextos e de históricos de vida

A sociedade global vista do lado da pessoa e do cidadão é um lado que aparece menos no plano político. É um plano geralmente remetido para as ciências humanas e sociais. Pois o plano político preocupa-se mais com o cidadão como destinatário e não como sujeito histórico. Mas podem apontar-se algumas situações.

Como cada um sente a “sua” realidade

Esta é a pergunta que, do lado dos atores políticos, precisava ser permanentemente feita às pessoas. Sabemos que assim não é. Se do lado dos atores políticos já é muito difícil, mesmo que se desloquem frequentemente ao “terreno”, perceber a pluralidade de pontos de vista.

Então, como fazer?

É uma questão de método, do lado dos atores. Existe hoje uma grande diversidade de técnicas de auscultação das pessoas. Mas existem opiniões, entre os estudiosos, que permitem traçar cenários. Poderemos avançar pontos de vista.

No cerne estará a “insegurança e o medo”. Com as mutações muito rápidas dos contextos, sobretudo no plano das tecnologias. Está, também, o ressentimento e a sensação de injustiça que, perante a complexidade, procura encontrar “bodes expiatórios”.

Avancemos, por exemplo, só duas ou três pistas, como reflexão.

A forte presença nos “écrans” de imagens diretas de situações “chocantes” que há alguns anos apenas ouvíamos reportar, de forma indireta, pelos jornais. A permanente desumanização do sofrimento.

O predomínio de notícias parcelares através de “imagens pontuais” de acontecimentos e situações.

A recolha de opiniões e pontos de vista, “em contraditório”, nos telejornais.

O contraditório é um dos principais recursos dos regimes democráticos. O que é bom. Mas implica que, por exemplo, os jovens sejam formados para conviver com esses contextos.

É toda uma realidade que precisamos debater. Porque as pessoas podem reagir de forma negativa, identificando democracia com “confusão” e não com “complexidade”.

Colocando por detrás disto a vertiginosa evolução das tecnologias, com as “raturas de perceção” que provocam no dia a dia, temos um perfeito “caldo”...

Os históricos de vida

Este plano aparece hoje muito (quase só) ligado aos emigrantes. Às questões das grandes movimentações sociais por questões do (global) mercado de trabalho.

Mas pode ser visto também, e é interessante, notar que os históricos de vida são cada vez mais situações de “miscigenação”. A mobilidade social é hoje muito maior do que era há alguns anos.

A cidadania global

Este conceito aparece, cada vez mais referido. E é explicativo e importante. Mas convém perceber, também, que pode ser valorizado da mesma forma que os mais conservadores valorizam os cidadãos, apenas como indivíduos isolados.

Nesta entrada, abre-se também a discussão que liga os fenómenos “ecossistémicos”, como as alterações climáticas, com a deslocação de grandes massas de populações, que está na origem de crises migratórias.

A Política

Historicamente,

Nas direitas ficam os conservadores, os defensores da continuidade, e dos padrões tradicionais

As direitas são conservadoras

Nas esquerdas juntam-se aqueles que advogam a rutura, e a proposição de novas soluções em face da leitura que fazem das diversas realidades sociais.

As esquerdas são propositivas

E é, portanto, desse lado que os proponentes desta moção se colocam

Proposta

Fica a proposta.

Os signatários abaixo identificados propõem a este Congresso que aprove uma recomendação no sentido de ser cometido ao Instituto José Tengarrinha a organização de um ciclo de debates sobre as problemáticas atrás identificadas e descritas.

Problemáticas a serem cometidas a personalidades previamente identificadas como dominando as diferentes matérias em causa e com capacidade para avançar diferentes alternativas ao sequente trabalho político.

Como a iniciativa se assume com potencial para mobilizar as diversas esquerdas, sugere-se que a dinamização destes debates possa ser dado a conhecer antecipadamente a outros partidos, nas esquerdas, por forma a que se possam associar na respetiva divulgação ou, mesmo, na sua eventual organização.

Garantindo desta forma ao Partido Livre, e a outros partidos nas esquerdas a futura liderança no respetivo desenvolvimento e tratamento político.

Amadora, 2026.06.21

Proponentes

- Francisco Alves
- Inês Amaro
- Carlos Reis